

HUME, D. *Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*. Trad. José Oscar de Almeida Marques. SP: UNESP, 2004, pp. 222-31; 367-9. (Notas adicionadas como glossário).

“Os assuntos ligados à moral e à crítica são menos propriamente objetos do entendimento que do gosto e do sentimento. [...]

Por mais insensível que seja um homem, ele será frequentemente tocado pelas imagens do *certo* e do *errado*, e, por mais obstinados¹ que sejam seus preconceitos, ele deve certamente observar que outras pessoas são suscetíveis² às mesmas impressões. [...]

Surgiu recentemente uma controvérsia bem mais digna de exame, referente aos fundamentos gerais da moral, a saber: se eles derivam da *razão* ou do *sentimento*; se chegamos a seu conhecimento por uma sequência de argumentos e induções³ ou por uma sensação imediata e um sentido interno mais refinado; se, como em todos os julgamentos corretos acerca da verdade e da falsidade, eles deveriam ser os mesmos para cada ser racional e inteligente; ou se, como na percepção da beleza e da deformidade, estão inteiramente fundados na estrutura e constituição particulares da espécie humana. [...]

[...] nossos modernos investigadores, embora também falem muito da beleza da virtude e da deformidade do vício, têm-se comumente esforçado para explicar essas distinções por meio de raciocínios metafísicos e deduções⁴ baseados nos mais abstratos princípios⁵ do entendimento. [...]

Porém, os que querem analisar todas as decisões morais em termos do *sentimento* podem esforçar-se para mostrar que é impossível que a razão chegue a conclusões dessa natureza. O que é próprio da virtude, dizem eles, é ser *estimável*, e do vício, *odioso*. [...]

A finalidade de toda especulação⁶ moral é ensinar-nos nosso dever e, pelas adequadas representações⁷ da deformidade do vício e da beleza da virtude, engendrar⁸ os hábitos correspondentes e levar-nos a evitar o primeiro e abraçar a segunda. Mas seria possível esperar tal coisa de inferências⁹ e conclusões do entendimento que por si sós não têm controle dos afetos nem põem em ação os poderes ativos das pessoas? Elas revelam verdades, mas,

¹ Obstinado: que persiste; não se deixa convencer, inflexível.

² Suscetível: capaz de sentir ou receber algo.

³ Indução: modo de investigação que parte de dados particulares em direção a leis mais gerais.

⁴ Dedução: processo de raciocínio lógico que permite uma conclusão clara e evidente a partir de afirmações.

⁵ Princípio: aquilo que serve de base ou fundamento a alguma coisa ou alguma formulação; a razão de algo.

⁶ Especulação: estudo teórico, baseado em raciocínios abstratos.

⁷ Representação: maneira de retratar um objeto ou a realidade; pode ou não sofrer influência de quem ‘retrata’.

⁸ Engendrar: criar, produzir, gerar; inventar.

⁹ Inferência: conclusão; indução.

quando as verdades que elas revelam são indiferentes e não engendram desejo ou aversão, elas não podem ter influência na conduta e no comportamento. [...]

É provável que a sentença final que julga caracteres e ações como amáveis ou odiosos, louváveis ou repreensíveis; aquilo que lhes impõe a marca da honra ou da infâmia¹⁰, da aprovação ou da censura, aquilo que torna a moralidade um princípio ativo e faz da virtude nossa felicidade e do vício nossa miséria – é provável, eu dizia, que essa sentença final se apoie em algum sentido interno ou sensação que a natureza tornou universal na espécie inteira.

[...] Os homens estão hoje curados de sua paixão por hipóteses¹¹ e sistemas em filosofia natural, e não darão ouvidos a argumentos que não sejam derivados da experiência. [...]

Como se supõe que um dos principais fundamentos do louvor moral consiste na utilidade¹² de alguma qualidade ou ação, é evidente que a *razão* deve ter uma considerável participação em todas as decisões desse tipo, dado que só essa faculdade pode nos informar sobre a tendência das qualidades e ações e apontar suas consequências benéficas para a sociedade ou para seu possuidor. [...]

Mas, embora a razão, quando plenamente assistida¹³ e desenvolvida, seja suficiente para nos fazer reconhecer a tendência útil ou nociva¹⁴ de qualidades e ações, ela sozinha não basta para produzir qualquer censura ou aprovação moral [...] É preciso que um sentimento venha a manifestar-se aqui, para estabelecer a preferência pelas tendências úteis sobre as nocivas. Esse sentimento só pode ser uma apreciação da felicidade dos seres humanos e uma indignação perante sua desgraça, já que esses são os diferentes fins que a virtude e o vício têm tendência a promover. Aqui, portanto, a *razão* nos informa sobre as diversas tendências das ações, e a *benevolência*¹⁵ faz uma distinção em favor das que são úteis e benéficas.”
[...] (Grifos do autor).

¹⁰ Infâmia: o contrário de honra; descrédito; vergonhoso.

¹¹ Hipótese: uma proposição ou afirmação que é aceita, independente de sua verdade ou falsidade, para se concluir algo; possibilidade de um acontecimento que se permite verificar por dedução ou por indução; suposição.

¹² Utilidade: qualidade do que é útil; capacidade de um bem ou serviço satisfazer as necessidades humanas.

¹³ Assistir: presenciar; prestar auxílio, ajudar.

¹⁴ Nocivo: que causa dano, prejudicial.

¹⁵ Benevolência: bondade de ânimo ou disposição; magnanimidade; boa vontade.